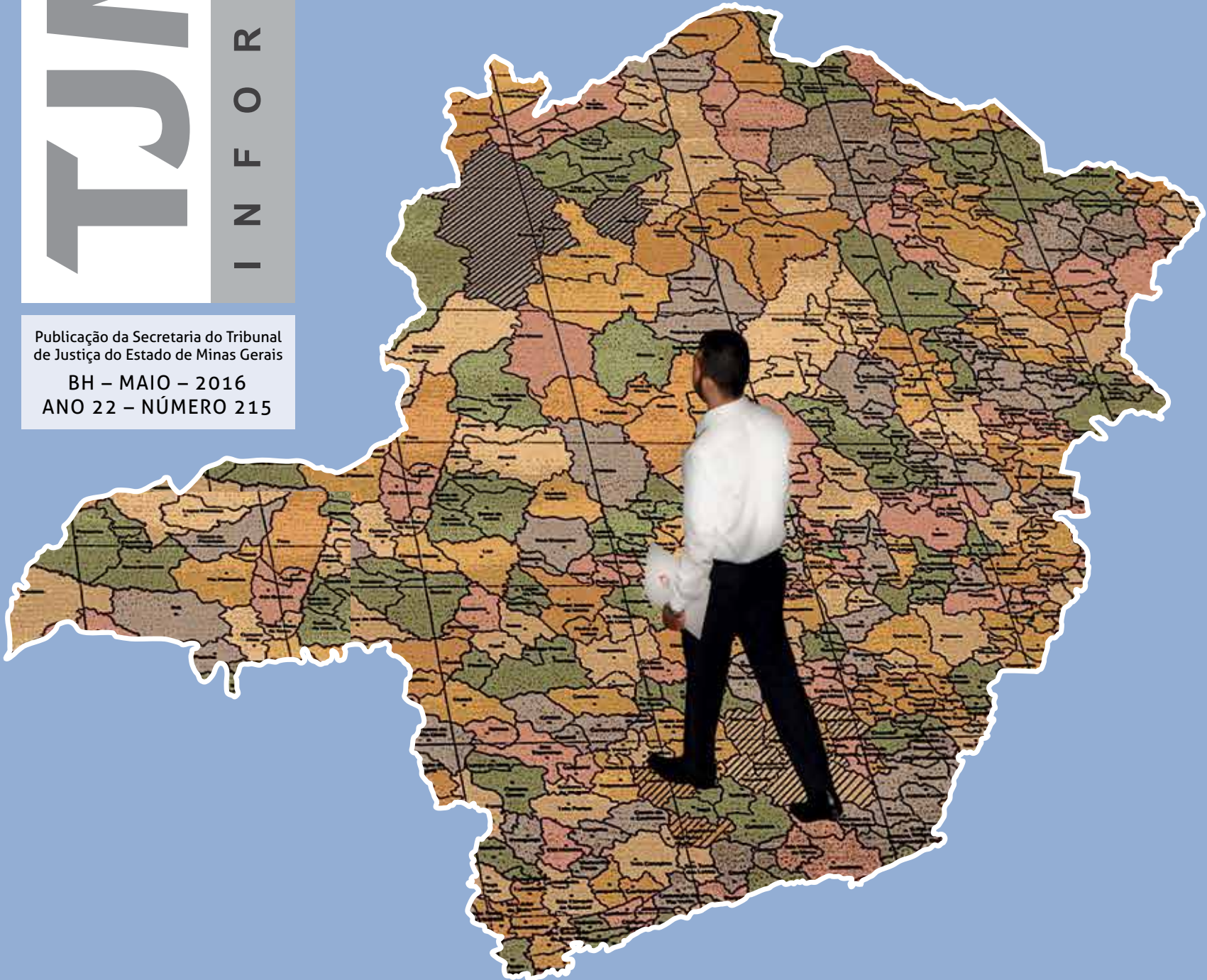


## Pelos quatro cantos das comarcas

Publicação da Secretaria do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

BH – MAIO – 2016  
ANO 22 – NÚMERO 215



Dotados de fé pública, os oficiais de justiça são o braço do Judiciário mineiro que concretiza a aplicação da lei. Por meio deles, a Justiça percorre cada palmo das diversas comarcas, dando cumprimento às ordens judiciais registradas pelos magistrados. Ordens de despejo, penhoras, mandados de prisão ou de busca e apreensão e intimações de diferentes naturezas, entre outras peças judiciais, chegam até seus destinatários pelas mãos desses profissionais. Por meio deles, homenageamos todos os trabalhadores do TJMG, neste mês em que se celebra o Dia Mundial do Trabalho.

# Braço indispensável para a Justiça

“Essenciais à administração do Judiciário, eles localizam pessoas, orientam-nas, encaminham-nas a instituições onde elas podem buscar auxílio, resolvem situações de conflito, chegam aos quatro cantos da cidade. Sem eles, o Judiciário simplesmente não funciona.” A frase é do corregedor-geral de justiça, Antônio Sérvulo dos Santos, e se refere aos oficiais de justiça.

Na comarca de Belo Horizonte, eles são um grande grupo de 437 homens e mulheres, que atuam em 115 regiões, cobrindo de 30 a 40 mandados judiciais por mês. No dia a dia, eles enfrentam, não raro, situações adversas e costumam não ser bem-vindos quando batem nas casas das pessoas. Algumas histórias da rotina

de oficiais de justiça encontram-se na matéria de capa deste número.

Veja ainda, nesta edição, entrevista com a juíza auxiliar da Presidência Lisandre Figueira Borges, sobre o projeto-piloto do teletrabalho, em implementação no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG). Trata-se de nova modalidade de trabalho que surgiu com o processo eletrônico e é benéfica para todos os envolvidos.

Outra matéria deste número tem como tema uma pesquisa que o Tribunal mineiro realiza até 10 de maio próximo, em todo o estado. A ideia é medir o nível de conhecimento da população sobre o papel do Tribunal de Justiça e da magistratura, assim como a percepção do público interno acerca das diretrizes, do planejamen-

to estratégico e do modelo de gestão adotados pela Casa e dos processos de comunicação associados a eles.

O *TJMG Informativo* traz também matéria sobre a exposição “Cumplicidade”, da artista plástica Valdete Lino, que pode ser visitada na Galeria de Arte do Fórum Lafayette. A mostra reúne quadros de cores marcantes, feitos com a técnica acrílica sobre tela.

O *Nome da Rosa*, dirigido por Jean-Jacques Annaud e adaptado do romance homônimo do escritor italiano Umberto Eco, é o filme que será exibido neste mês no Cineclube TJ. Confira, na página de Cultura, resenha da servidora Regina Marinho sobre a película e, também, foto da coluna Clique do Leitor.

Boa leitura!

## PJe Expansão 2016

### Contrafé Eletrônica

A Corregedoria-Geral de Justiça divulgou o cronograma para implantação do sistema de contrafé eletrônica. Por meio dele, as partes dos processos que tramitam no sistema PJe-CNJ 1ª Instância recebem cópias digitais de citações ou notificações. Desde o último dia 4 de abril, a contrafé eletrônica já é realidade nas Comarcas de Belo Horizonte e Uberaba. Até 28 de agosto, todas as comarcas de entrância especial devem contar com o sistema.

### Reavaliação

A Gerência de Orientação dos Serviços Judiciais Informatizados (Gescom) definiu as datas para retorno às comarcas onde foi implantado o PJe. Programadas com o objetivo de reavaliar processos de trabalho para potencializar o uso dos recursos do sistema, as visitas acontecem a partir do dia 2 de maio, em Belo Horizonte, e terminam em 12 de setembro, em Uberlândia.

Para subsidiar a equipe de campo da Gescom com informações preliminares sobre a rotina de trabalho nas comarcas, a Ascom vai realizar pesquisas periódicas de satisfação do usuário com o PJe através da página do processo eletrônico na Rede TJMG.

### Teletrabalho

O Tribunal de Justiça também já está se preparando para utilizar em sua rotina diária um dos principais recursos do processo eletrônico. Trata-se do trabalho exercido à distância e de forma autônoma, o teletrabalho. Servidores da Comarca de Belo Horizonte foram selecionados para participar do projeto-piloto de implantação do teletrabalho na instituição. A meta é ampliar, no futuro, o número de servidores integrados ao trabalho à distância.

### Tribunal de Justiça de Minas Gerais

#### Presidente:

Desembargador Pedro Bitencourt Marcondes

#### 1º Vice-Presidente:

Desembargador Fernando Caldeira Brant

#### 2º Vice-Presidente:

Desembargador Kildare Carvalho

#### 3º Vice-Presidente:

Desembargador Wander Marotta

#### Corregedor-Geral:

Desembargador Antônio Sérvulo

#### Ouvidor

Desembargador Moacyr Lobato

#### Expediente

#### Assessora de Comunicação

##### Institucional:

Letícia Lima

##### Gerente de Imprensa:

Daniela Lima

##### Coordenador de Imprensa:

Raul Machado

##### Editores:

Daniele Hostalácio e Lucas Loyola

##### Revisor:

Patrícia Limongi

##### Design Gráfico:

Narla Prudêncio

##### Fotolito e Impressão:

Globalprint Editora Gráfica Ltda

#### Ascom TJMG:

Rua Goiás, 253 – Térreo – Centro,

Belo Horizonte/MG

CEP 30190-030

Tel.: (31) 3237-6551

Fax: (31) 3226-2715

E-mail: imprensa@tjmg.jus.br

#### Ascom TJMG/Unidade Raja Gabaglia:

(31) 3299-4622

#### Ascom Fórum BH:

(31) 3330-2123

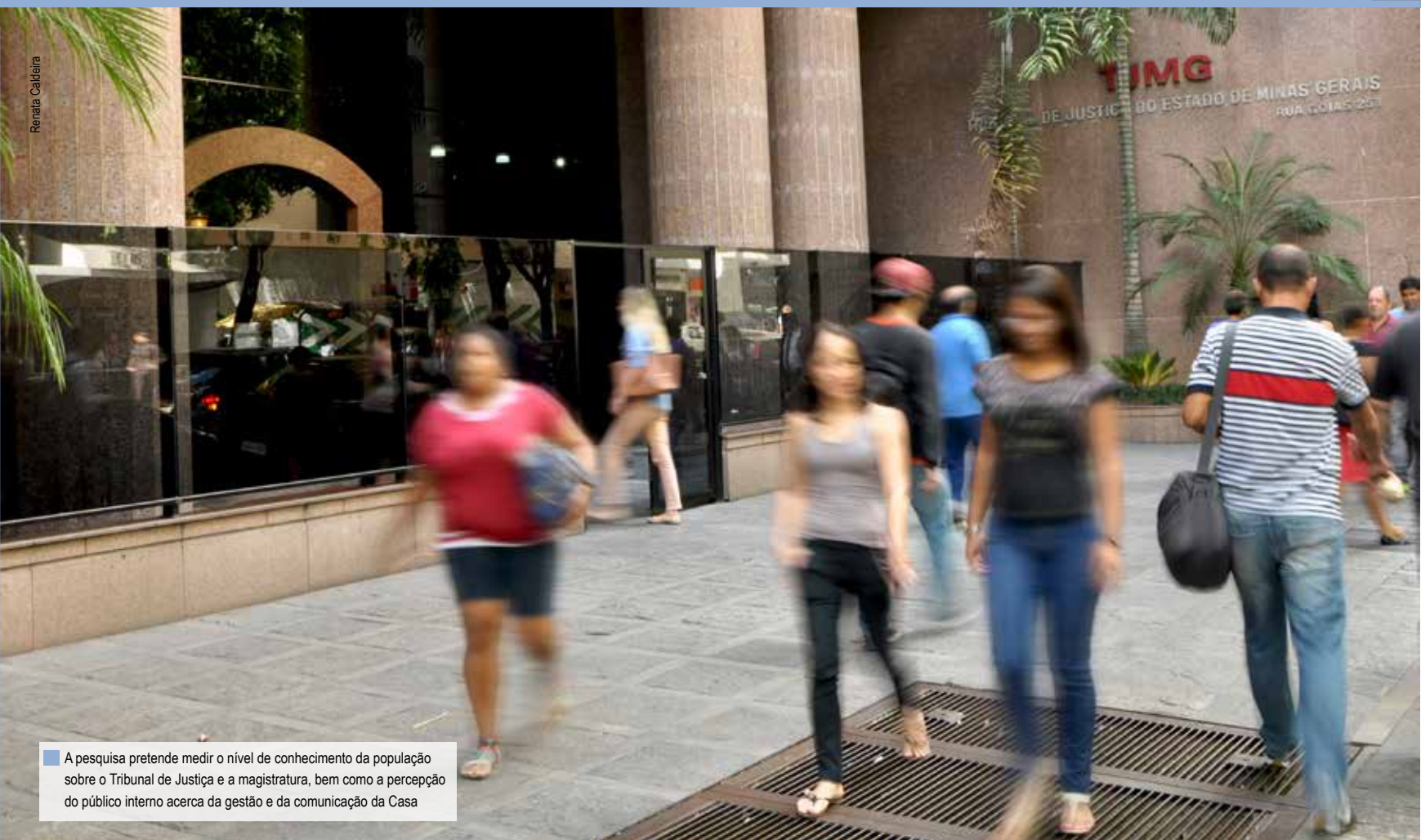
#### Tiragem:

3 mil exemplares

#### Portal TJMG:

www.tjmg.jus.br





A pesquisa pretende medir o nível de conhecimento da população sobre o Tribunal de Justiça e a magistratura, bem como a percepção do público interno acerca da gestão e da comunicação da Casa

## TJ quer conhecer a opinião do público a seu respeito

Patrícia Melillo

Avaliar a imagem do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) perante seus públicos interno e externo é o que pretende uma grande pesquisa que a instituição realiza no período de 18 de abril a 10 de maio de 2016 em todo o estado. A intenção é também medir o nível de conhecimento da população sobre o papel do Tribunal de Justiça e da magistratura, assim como a percepção de magistrados e servidores acerca das diretrizes, do planejamento estratégico e do modelo de gestão adotados pela Casa e dos processos de comunicação associados a eles.

O trabalho será realizado pela empresa Fluxus Global Consultoria e Pesquisa, com aplicação de questionários, avaliação de resultados e elaboração de relatórios. Nele, serão considerados tanto os aspectos quantitativos quanto qualitativos das opiniões.

O presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Pedro Bitencourt Marcondes, considera extremamente importante que a administração pública acompanhe e avalie regularmente o nível de satisfação da população com relação às ações de-

envolvidas, para que, assim, possa obter uma visão real das necessidades desta em relação aos serviços sob responsabilidade do Estado. “O TJMG está submetendo suas ações a um processo avaliativo, buscando verificar se seus propósitos estão sendo alcançados”, diz o magistrado.

Durante a pesquisa, que será realizada por amostras dos diferentes públicos, serão ouvidos magistrados, servidores, usuários da Justiça e a população em geral. Os procedimentos metodológicos compreendem atividades de pesquisa e envolvem a interação da equipe da empresa com o público-alvo durante a coleta de dados.

O enfoque quantitativo será obtido através de questionários *online*, que serão enviados para magistrados e servidores, e presenciais, que serão aplicados por meio de entrevistas com a população em geral e usuários da Justiça.

Com relação à investigação qualitativa, os dados serão obtidos mediante a realização de entrevistas em profundidade e reuniões com grupos de discussão, com representantes dos públicos interno e externo do Tribunal de Justiça.



O TJMG está submetendo suas ações a um processo avaliativo, para verificar se seus propósitos estão sendo alcançados



De acordo com o superintendente de Comunicação do TJMG, desembargador Luiz Carlos de Azevedo Corrêa Júnior, os critérios da pesquisa estão apoiados por uma metodologia capaz de captar as impressões e as questões dos grupos ouvidos, de tal forma que será possível mensurar

os efeitos do trabalho do Tribunal e da Assessoria de Comunicação Institucional, elaborar um diagnóstico da situação e construir um plano de ações fundamentado nos resultados encontrados.





Um grupo de oficiais de justiça da Comarca de Belo Horizonte; na capital, são 437 homens e mulheres exercendo a função

# Oficiais de justiça: pés e braços que fazem o direito andar

Manuela Ribeiro e Paulo Soares

O poder público é e será sempre feito pelas pessoas. Um braço indispensável na garantia dos direitos e deveres dos cidadãos, segundo o corregedor-geral de justiça, Antônio Sérvulo dos Santos, é o oficial de justiça. “Essenciais à administração do Judiciário, eles localizam pessoas, orientam-nas, encaminham-nas a instituições onde elas podem buscar auxílio, resolvem situações de conflito, chegam aos quatro cantos da cidade. Sem eles, o Judiciário simplesmente não funciona”, declara.

A noção de que o cotidiano desses servidores públicos reúne competências que fazem deles um misto de psicólogos, detetives, assistentes sociais, advogados, conciliadores e prestadores de informações é consenso tanto entre a classe como na visão do desembargador.

Afinal, o que faz um oficial? Antigamente chamado “meirinho”, ele representa o juízo frente a partes contrárias numa demanda judicial. Na comarca de Belo Horizonte, 437 homens e mulheres, obedecendo à risca as ordens emitidas pelos magistrados, atuam em 115 regiões. Um oficial de justiça cumpre de 30 a 40 mandados judiciais por mês, mas o número pode aumentar, dependendo da região. Os mandados são distribuídos

aleatoriamente, e os oficiais têm até 20 dias para os cumprir e devolvê-los assinados.

Olinto Ferreira de Paiva, que há 47 anos é oficial de justiça na capital e hoje coordena a Central de Mandados do Fórum Lafayette, informa que, para ingressar na profissão, é necessário completar o ensino médio, conhecer os atos de ofícios, ter noções de direito e... coragem. O trabalho tem suas dificuldades, razão pela qual há sempre alguém da equipe afastado por licença médica.

## Desafios

“Desarmados, podemos deparar com gente com distúrbios mentais, comportamento agressivo, sob o efeito de drogas e bebidas alcoólicas, em horários noturnos ou de madrugada”, conta Geraldo Custódio de Menezes, oficial há 12 anos. Os testemunhos não deixam dúvida: ataques de animais, caminhadas íngremes, a ida a locais insalubres ou áreas de risco precedem a tarefa em si, que ainda pode render uma acolhida nem sempre gentil, quando não insultos, ameaças e agressões.

Pesquisa de mestrado defendida na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais pela psicóloga judicial Patrícia Valéria Alkimin Pereira informa que oficiais de justiça podem desenvolver problemas físicos e psicológicos, devido ao estresse. Não é para menos. “Lidamos com três aspectos importantes para qualquer indivíduo: liberdade, família e patrimônio”, pondera Olinto. “O oficial deve dosar as emoções no momento da ação e ter tranquilidade. Não é fácil tirar alguém de casa para ser preso. Aprender um bem também é sempre complicado. Devemos tentar nos colocar no lugar dos cidadãos”, avalia.

A oficiala Sthela Soares Vieira Campos destaca que é vital ser compreensivo com as reações inflamadas, porque as notificações frequentemente são desfavoráveis ao intimado: mandados de busca e apreensão, penhoras, ordens de despejo, de separação de corpos e até prisões. “Não se entra simplesmente num imóvel, mas num lar. Temos de ter a percepção de ignorar certas coisas, não nos ofender, porque a pessoa está sob forte emoção”, explica. Flávia Cristina Brajato, de 34 anos, dos quais dez no Fórum, completa que é fundamental

manter os problemas longe de casa e não deixar as dificuldades afetarem a vida pessoal.

## Contextos diversos

Batem à porta. Alguns se escondem, pedem aos parentes que mintam dizendo que eles não se encontram; nos prédios há quem reclame da campanha tocando antes das seis da manhã, pois não entende por que é preciso tirar a pessoa da cama para receber a intimação.

“Nos bairros nobres, as pessoas às vezes nem atendem ao oficial. Porém áreas periféricas têm o problema de não serem tão acessíveis: o terreno é irregular e acidentado, a numeração das casas nem sempre está correta, há buracos na rua, poeira e barro quando não existe calçamento”, argumenta Sthela.

Por ter trabalhado no interior e em Belo Horizonte, Geraldo Custódio registra diferenças: “Na capital, é difícil obter informação. As pessoas se mudam sem deixar um telefone de contato. Os moradores não falam sobre os vizinhos, têm medo. Já no interior, somos mais conhecidos, mas as distâncias são grandes e é preciso ir a áreas rurais bem isoladas”, explica.

De acordo com Olinto, os oficiais não vão sozinho para cumprir ordens de apreensão, prisão, condução coercitiva, busca e apreensão de menores, remoção de bens e despejo. A Polícia Militar dá apoio a essas diligências, mas é aconselhável passar um dia antes na corporação e agendar a ajuda para evitar problemas.

A profissão oferece risco? Olinto respira fundo. “Ela se tomou perigosa, pois não se respeita nem um juiz, quanto mais um oficial. Tivemos que trocar alguns

de região porque eles foram ameaçados nos aglomerados de Belo Horizonte. Mas acho extremamente gratificante prestar um serviço à comunidade e ao País”, resume.

## Oficiais da versatilidade

O perfil exigido inclui, além do conhecimento da lei, capacidade de escuta, facilidade para lidar com gente, clareza para se comunicar, sensibilidade, raciocínio rápido e senso prático diante do inesperado. Com o tempo, assimilam-se dicas como usar protetor solar e tênis, evitar trabalhar à noite, fazer seguro do carro para evitar prejuízo em caso de roubo e pedir a opinião dos mais experientes em caso de dúvidas.

Uma vantagem é que, sendo um trabalho principalmente externo, não se fica preso a uma escrivaninha, o que para muitos é uma verdadeira tortura. Também é possível se organizar para conseguir períodos livres, pois os horários são flexíveis. Carlos Soares Inácio, há 27 anos no setor, afirma que o trabalho é tão variado que, para dominar os procedimentos, um oficial gasta pelo menos cinco anos.

Quem se aborrece com a rotina é igualmente candidato a apreciar o labor do oficial de justiça: apenhar a oleosa impressão digital de um mecânico que se recusava a assinar a intimação, colar cuidadosamente um mandado rasgado em pedacinhos por um intimado furioso, recrutar uma alma caridosa para abrir um bueiro

e pegar folhas sujas e molhadas lá de dentro, evitar um suicídio e receber, dias depois, um agradecimento como-vindo, são algumas das histórias que oficiais de justiça do Fórum Lafayette compartilharam.

Mas há inúmeras outras, como ser achincalhado por “furar fila” no banco para cumprir um mandado, ser confundido com traficantes numa boca de fumo, colher assinaturas a carvão na falta de uma caneta, adentrar residências invadidas por ratos e mau cheiro, presenciar assaltos, levar pessoas ao hospital no próprio veículo e poupar filhos pequenos de ver os pais expostos a constrangimento...



Lidamos com três aspectos importantes para qualquer indivíduo: liberdade, família e patrimônio

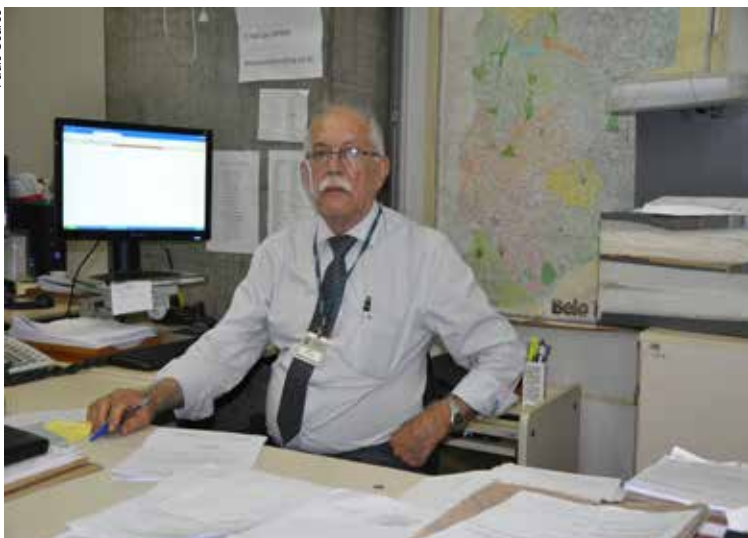


Carlos Inácio conta que, embora o trabalho seja rico de experiências, há fatores desestimulantes, como o desrespeito cotidiano nas ruas. Ele ressalta, contudo, a amizade do grupo e o bom ambiente de trabalho. “Existe união entre os oficiais. Organizamos cafés juntos, se um chega nervoso das ruas, todos procuram acalmá-lo. É costume acompanhar o colega que vai a lugares perigosos. Conversamos sobre o dia a dia, saímos para almoçar juntos”, conclui.

Questionado sobre algo que marcou sua trajetória, Olinto se lembra de histórias engraçadas. Conta que, anos atrás, foi apreender um eletrodoméstico e, ao sair com o objeto em mãos, ouviu a dona gritar: “Assim que ficar pronto, é só ligar que eu vou buscar”. “Lógico que ela fez aquilo para não fazer feio na frente dos vizinhos”, brincou.

Questionado sobre algo que marcou sua trajetória, Olinto se lembra de histórias engraçadas. Conta que, anos atrás, foi apreender um eletrodoméstico e, ao sair com o objeto em mãos, ouviu a dona gritar: “Assim que ficar pronto, é só ligar que eu vou buscar”. “Lógico que ela fez aquilo para não fazer feio na frente dos vizinhos”, brincou.

Paulo Soares



Olinto Paiva, da Central de Mandados, frisa a importância social do serviço do oficial de justiça

Marcelo Albert



Os oficiais de justiça Carlos Soares Inácio, Flávia Brajato e Sthela Vieira Campos



# Construindo uma nova cultura no Judiciário mineiro

Marcelo Albert



Em tribunais onde o teletrabalho já é uma realidade, houve redução no absenteísmo por licença médica\*, conta a juíza auxiliar da Presidência Lisandre Borges Figueira

Daniele Hostalácio

*Natural do Rio Grande do Sul, a juíza Lisandre Figueira Borges veio viver em Minas Gerais quando abraçou a carreira da magistratura, em 2004. Trocou os pampas pelas montanhas, e em solo mineiro vem, desde então, construindo sua história como juíza. Mestre em direito pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ex-professora universitária, em julho do ano passado, depois de ter passado pelas comarcas de Uberaba, Buritis e Três Corações, a magistrada assumiu o desafio de se tornar juíza auxiliar da Presidência. Na entrevista abaixo ela fala sobre o projeto-piloto do teletrabalho, no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG).*

## **TJMG Informativo – Como a senhora encarou o desafio de se tornar juíza auxiliar da Presidência?**

Encarei como uma oportunidade de contribuir para aperfeiçoar o Judiciário. A inovação e as iniciativas voltadas para a área-fim foram a grande marca da atual gestão. Entre as questões que foram bastante destacadas pela atual administração está a importância de o juiz assumir a liderança da vara em sintonia com os servidores. Quando o protagonismo é assumido, a vara ganha em produtividade. Por isso, essa cultura precisa ser disseminada.

## **Entre as várias iniciativas com as quais a senhora está envolvida, está o projeto-piloto do teletrabalho. Que novidade ele inaugura no Tribunal mineiro?**

Essa nova modalidade de trabalho é benéfica para todos os envolvidos e surgiu com o processo eletrônico. Logicamente, o sucesso do projeto-piloto depende de uma mudança de cultura, uma vez que há uma quebra de paradigma quando

passamos a remunerar o servidor pela produtividade e pelo alcance das metas, e não mais pela jornada de trabalho tradicional. A sociedade deseja uma Justiça célere e eficiente, que só se alcança com maior produtividade. Os servidores selecionados para participar



**São várias as vantagens que o teletrabalho pode gerar, da melhoria da qualidade de vida do servidor à redução de gastos do TJMG com água, energia e infraestrutura**



do projeto receberam treinamento para atuar dentro dessa nova modalidade. Entre outros temas, o curso abrangeu informações sobre administração de tempo e orientações sobre ergonomia.

## **Como será essa primeira fase do projeto?**

O projeto-piloto do teletrabalho envolve apenas processos eletrônicos. Para a experiência, foram selecionadas quatro varas da

Comarca de Belo Horizonte e um grupo de servidores dos Juizados Especiais e da Segunda Instância. A seleção dos teletrabalhadores para o projeto-piloto foi feita por indicação dos gestores das varas seleciona-

das, com base em seus perfis profissionais. Passada a fase experimental, na hipótese de institucionalização do teletrabalho no Tribunal, provavelmente será realizado um processo seletivo para a escolha dos servidores interessados em trabalhar de maneira remota, com definição de critérios objetivos.

## **Que impactos o teletrabalho pode trazer para a instituição, para os servidores e para o jurisdicionado?**

O teletrabalho é benéfico para todos os envolvidos. O servidor ganha qualidade de vida e maior convivência familiar. O Tribunal ganha maior produtividade e, conseqüentemente, melhora na entrega de justiça. A sociedade ganha em sustentabilidade ambiental. Em tribunais onde a experiência já é uma realidade, os teletrabalhadores apresentaram significativo aumento da produtividade. No Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC), por exemplo, havia uma expectativa de aumento da produtividade dos setores em 20% com o teletrabalho, mas o aumento chegou a 90%. Observou-se ainda a redução no absenteísmo por licença médica. Se há um aumento da produtividade, há uma melhoria do serviço prestado ao cidadão, pois ele será mais célere.

## Exposição “Cumplicidade” se inspira na vida e sua diversidade

Rebeca Figueiredo

Uma exposição que elege como tema a noção de cumplicidade e é inspirada pela vida e por sua diversidade, tendo como base as relações humanas e as múltiplas interações do universo. É como pode ser descrita a mostra de telas que a artista plástica Valdete Lino apresenta na Galeria de Arte do Fórum Lafayette, em Belo Horizonte, no próximo mês de junho.

Utilizando a técnica da tinta acrílica sobre tela aliada à presença de cores marcantes, Valdete busca falar sobre a cumplicidade inerente à vida. Em seu trabalho, a artista trata a cumplicidade de várias formas, como na dança, na música e na relação do homem com a natureza, refletindo sua visão interdisciplinar em torno do tema.

São quadros de momentos distintos com a mesma indagação fundamental. A cumplicidade também reverbera na escolha das pinceladas, reflete-se nas transparências, sobreposições, formas, contraformas, luzes e sombras das telas.

A visitação é gratuita e fica aberta ao público de segunda a sexta-feira, exceto feriados, das 8h às 18h.

### A artista

Desde criança, Valdete gosta de pintar. Não importava o material, o suporte ou o tamanho da composição. Onde quer que ela estivesse, seu olhar percorria o espaço observando detalhes, que seriam depois capturados em suas criações.

Na juventude iniciou seus estudos em artes, mas posteriormente os interrompeu, pois na época acreditava-se que quem estudava arte não era bem-visto pela sociedade. Valdete formou-se então pedagoga e, atuando como professora na rede municipal de ensino por aproximadamente 40 anos, nunca deixou de pintar e exercitar sua faceta artística.

Anos depois, aposentada, a professora decidiu retomar sua carreira e, em 2011, bacharelou-se

em artes plásticas pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). “A arte não tem sentido algum se não for divulgada. Todo artista quer expor sua poética”, acredita Valdete Lino.

Em 2015, a artista expôs individualmente pela primeira vez, levando sua mostra “Cumplicidade” ao Centro Cultural São Bernardo, na região norte de Belo Horizonte. De 2011 a 2014, participou de mostras coletivas na galeria da escola de artes da Uemg e no centro de compras Plaza Anchieta.

Atualmente, Valdete Lino tem se dedicado à pesquisa de um novo trabalho com o tema “água”, além de possuir projetos de oficinas de teatro e de pintura em tela em desenvolvimento. Para ela, cada imersão do artista em uma obra deflagra um processo de germinação, que parte do desprendimento relacionado ao prazer ou à angústia de criar algo.

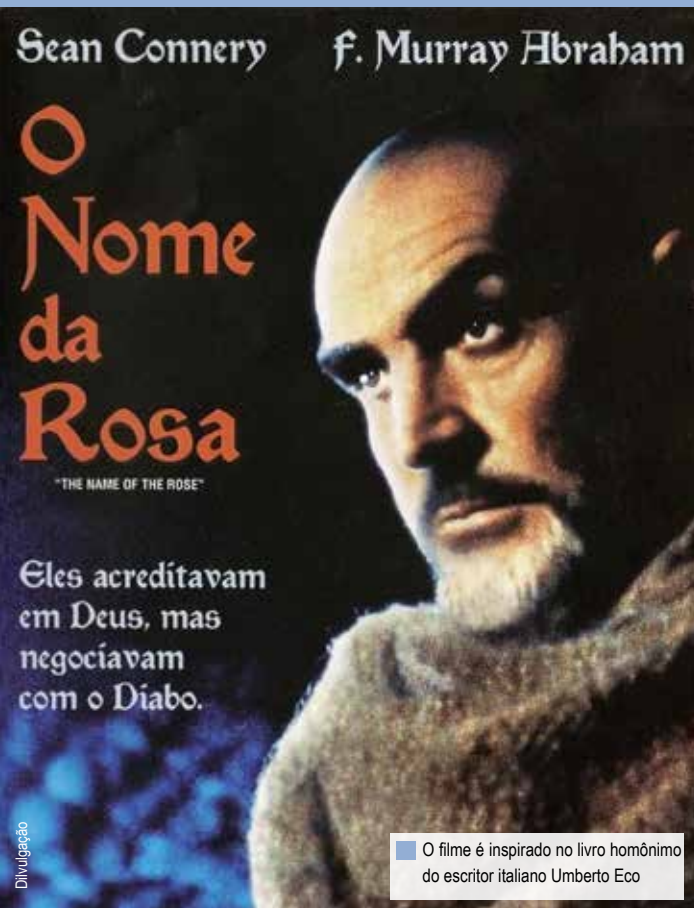


Divulgação

■ A técnica da tinta acrílica sobre a tela, aliada à presença de cores fortes, marca a obra da artista plástica Valdete Lino; a exposição ocupará a Galeria de Arte do Fórum Lafayette no próximo mês de junho



O filme *O Nome da Rosa*, dirigido por Jean-Jacques Annaud, será exibido em maio no Cineclube TJ, projeto que une a exibição e o debate de obras clássicas do cinema. A sessão acontece no dia 19, às 19h, no auditório do anexo 2 da Unidade Goiás (Rua Goiás, 253). Confira, abaixo, resenha do filme.



## O Nome da Rosa

Regina Marinho \*

Falar do filme *O Nome da Rosa* nunca será bastante, dados os diversos aspectos apresentados, interessantes, envolventes, inesquecíveis.

Adaptado para o cinema em 1986, com direção de Jean-Jacques Annaud, o filme é inspirado no livro homônimo do escritor italiano Umberto Eco, de 1980.

A história se passa no ano de 1327, baixa Idade Média, e nos revela um cenário de acontecimentos históricos entremeados por questões religiosas, mortes misteriosas, paixão e revelações capazes de prender o espectador do início ao fim.

Guilherme (William) de Baskerville (Sean Connery) é um frade franciscano culto, de espírito investigativo, que vai para uma abadia beneditina no norte da Itália, acompanhado de um noviço, Adso de Melk (Christian Slater). Sua intenção é participar, juntamente com seus pares, de um debate com delegados papais acerca da riqueza pontifícia em contraposição à pobreza de algumas ordens religiosas, notadamente a franciscana, considerando o fundamento cristão para uma ou outra. No entanto, atraído por misteriosos assassinatos, começa a investigá-los, refutando a hipótese de que seriam obras do demônio. A chegada do inquisidor Bernardo Gui (F. Murray Abraham), seu antigo perseguidor, desencadeia um final surpreendente.

\* servidora da Assessoria de Comunicação (Ascom)

## CLIQUE DO LEITOR

Do universo de coisas incríveis a se fazer em Minas, imperdível é o amanhecer na Serra do Caparaó!

O dia chega de mansinho,  
No imenso chão de nuvens, surge sol imponente,  
Impetuosamente o vento descortina as montanhas gerais,  
Que, vistas de cima, parecem pequenas demais.

Mas é somente impressão,  
Para ver as montanhas lá embaixo, há que se estar lá em cima,  
Vencer longa subida, ter frio por companhia,  
E muitas, muitas pedras no caminho.

Assim se chega no cume, no alto das Minas Gerais,  
Na maior montanha mineira,  
Aproveite a vista altaneira, do Pico da Bandeira!!!

*Josias Júnior, oficial de justiça avaliador*



Caso queira participar da coluna Clique do Leitor, envie uma foto de sua autoria, acompanhada de um texto de até dez linhas sobre a imagem, para imprensa@tjmg.jus.br. Preencha o assunto com "Clique do Leitor". As melhores fotos serão publicadas neste espaço.